

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO

Roselaine Batista da SILVA*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo problematizar a questão da violência em suas diversas formas e suas conseqüências para as crianças em processo de aprendizagem. Mostraremos como os alunos vêem os professores que usam a violência como ferramenta pedagógica e também a questão da afetividade e suas implicações para os processos de aquisição do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Violência simbólica. Afetividade. Sintomas de alunos vitimizados. Aprendizagem.

O estudo da violência no Brasil é algo recente, datando menos de vinte anos. Um entrave que encontramos em muitos trabalhos é a possibilidade de não reconhecer atos violentos como tal, visto que há alguns anos as medidas relacionadas à agressão física e verbal eram tidas como medidas educativas e aceitas pelas famílias e órgãos educativos. Outra dificuldade encontrada foi a escassez de documentos e trabalhos acadêmicos que relatem as violências praticadas pelos professores contra os alunos.

Há lugares que, mesmo nos dias atuais, entendem a violência como algo “natural” e aceito socialmente, infelizmente.

* Graduada em Pedagogia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Graduação em Pedagogia. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 – roseline_batistasilva@yahoo.com.br

FORMAS DE VIOLÊNCIA

É necessário, para iniciarmos este estudo, explicitarmos os tipos de abusos ou violência cometidos e como eles se efetivam.

Azevedo e Guerra (1989) dizem que para que ocorra um ato violento é necessário que haja um processo de fabricação da possível vítima; para que ocorra este processo de fabricação é imprescindível a existência de um sujeito agressor, que praticará o ato violento, e um sujeito que receberá essa ação. As autoras qualificam, então, este processo de duas formas: vitimação e vitimização.

O primeiro processo, o de **vitimação**, ocorre com aquelas crianças que são denominadas “crianças de alto-risco”. Essas crianças sofrem de violência estrutural, marcadas pela enorme desigualdade social, sendo as vítimas das dominações de classes sociais. Possuem alta probabilidade de terem seus direitos humanos, como direito à vida, à saúde, alimentação, educação, segurança, etc, violados.

O processo de **vitimização** é uma forma de encarcerar ou prender a vontade e/ou o desejo da criança, submetendo-a ao poder do adulto a fim de coagi-la para satisfação dos seus desejos, podendo ocasionar na criança danos físicos e/ou psicológicos. Neste tipo de violência, a criança desenvolve uma relação de cumplicidade com o agressor. A vítima perde seu poder de ação e reação, também passando a viver em função do medo: medo de ser revelado o ato praticado contra si, medo da coação, entre outros.

Sendo assim, passamos a alguns exemplos dos tipos de violência praticados.

- **ABUSO-VITIMIZAÇÃO** – neste caso a criança é tida como objeto e é condicionada à condição de maus tratos. As principais formas de vitimização são: as violências físicas, a psicológica e a sexual.
- **VIOLÊNCIA FÍSICA** – os estudiosos não são unânimes ao qualificar este tipo de violência; para Azevedo e Guerra (1989), os castigos corporais são classificados em dois grupos: os castigos cruéis e pouco usuais (exemplo: castigos

extremos e impróprios à idade e compreensão da criança – cárcere privado, treino prematuro do uso do vaso sanitário); e os castigos que resultam em ferimentos (exemplo: bater de forma descontrolada e com instrumentos contundentes).

- **NEGLIGÊNCIA** – é o termo usado para designar a omissão, tanto em termos materiais quanto emocionais, sofrida pelas crianças e que é praticada pelos pais ou por algum responsável.
- **ABUSO PSICOLÓGICO** – ocorre quando o adulto ou responsável deprecia constantemente a criança ou bloqueia seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental; ameaças de abandono também pertencem a esta categoria. Este abuso pode ocorrer de duas formas: negligência afetiva e rejeição afetiva. A primeira acontece quando há falta de calor humano, falta de responsabilidade e de interesse para com as necessidades das crianças. A segunda forma consiste na realização de depreciação e agressividade para com a criança.

Costuma-se caracterizar como abuso apenas as formas graves e continuadas de rejeição ou negligência afetiva.

- **ABUSO SEXUAL** – atinge tanto meninos quanto meninas, apesar de o maior índice de vítimas de abuso sexual pertencer ao sexo feminino, sendo que na maioria dos casos o agressor pertence ao sexo masculino. É definido como jogo ou ato sexual envolvendo homens ou mulheres que se relacionam sexualmente com crianças, tendo como objetivo da relação estimular sexualmente a criança.

CONSEQÜÊNCIAS DOS ATOS VIOLENTOS

Os atos violentos, independente da categoria a que pertençam, ferem os sentimentos das crianças, feridas essas que podem ser tan-

to físicas quanto emocionais e que deixam marcas muitas vezes impossíveis de serem apagadas ou esquecidas. É necessário que o profissional da educação, que passará no mínimo 5 horas diárias com estas crianças vitimizadas, entenda os pedidos de socorro enviados por elas e que, ao atentar as particularidades destes indivíduos em formação, não agravem o estado emocional da vítima. É importante que estes profissionais da educação possam interromper o ciclo de violência que poderá iniciar-se (ou que já tenha se iniciado). É sabido que as crianças reproduzem aquilo que vêem ou recebem. Será que os professores tem trabalhado estas questões? Será que os professores tem contribuído para a criação ou agravamento destes quadros?

Independente do tipo de abuso sofrido, a criança poderá apresentar os seguintes sintomas:

- Desempenho inferior nos testes de inteligência verbal
- Ansiedade
- Altos índices de depressão
- Agressividade
- Delinqüência
- Isolamento
- Baixa auto-estima
- Dificuldades de aprendizagem
- Repetência
- Notas baixas
- Necessidade de serviços de educação especial

As instituições escolares não estão imunes a esses tipos de atos. Neste estudo, trataremos das formas de violência produzidas pelos professores contra os alunos.

COMO OS ALUNOS VÊM OS PROFESSORES

As crianças passam grande parte do dia nas instituições escolares. Parte importante e significativa da vida também ocorre dentro das instituições de ensino. Para muitas crianças a escola é a melhor oportunidade que a vida pode oferecer; protegidas pelos muros, conseguem escapar da realidade, que invariavelmente é dura, conseguem afastar-se das brigas, das drogas, do trabalho infantil, da ignorância. A escola torna-se uma maneira de sobrevivência. Para muitos jovens e adultos as melhores lembranças são aquelas do período escolar.

Neste tópico analisaremos as violências que podem ocorrer dentro do ambiente escolar, onde justamente os alunos deveriam sentir-se seguros. É necessário ressaltar que a questão da violência escolar não é regra, não acontece em todos os estabelecimentos, tampouco diariamente, mas não podemos ignorar que a questão da violência ultrapassou os muros escolares e é algo que está em crescimento, muitas vezes praticada por aqueles que deveriam proteger os alunos.

Foucault (1997) diz que a violência pode ocorrer sem o contato físico, buscando de certa forma a submissão do homem, através de uma ideologia; ou então ser um ato violento calculado, pensado com antecedência, podendo ser sutil, mas ainda de ordem física e/ou psicológica.

Essa forma de violência, que poderíamos denominar como *Violência Simbólica*, é uma ferramenta de grande adesão por parte de alguns profissionais da educação. Devido a inúmeros fatores, como má preparação nos cursos de formação de professores, salas de aula lotadas, desmotivação, baixos salários, condições muitas vezes insalubres de trabalho, materiais didáticos defasados em seus conteúdos, falta de identificação com a profissão, entre outros, a relação professor-aluno muitas vezes poderá estar em risco.

É comum que os alunos peçam explicações aos professores quando não conseguem assimilar os conteúdos. Porém, torna-se cada vez mais freqüente a figura do professor que não consegue

esclarecer as dúvidas dos alunos e acabam por destratar-los, humilhá-los, chegando muitas vezes a castigá-los fisicamente. Na verdade esses fatos sempre existiram, mas agora tem sido mais expostos à mídia e chocado muitas vezes toda a opinião pública. Como forma de silenciar estes alunos, os professores acabam por intimidá-los ou ridicularizá-los em sala de aula na presença de todos. Como se a responsabilidade de não entender ou adivinhar o que o professor diz fosse totalmente do aluno. A partir desse ponto começa a hostilização dessa relação e o possível fracasso escolar desse estudante, visto que, com medo de receber punições, deixará de esclarecer suas dúvidas, acarretando dificuldades, insucessos e aumentando o medo que ele tem do professor.

Aquino (1996) diz que o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos. Pensamos então que, se o modo de agir do professor é o responsável pelo sucesso do aluno, o professor que pratica atos como os citados acima está produzindo o fracasso desse aluno.

A expectativa do professor é transmitida ao aluno através de seu comportamento durante o processo de ensino-aprendizagem, bem como de seu sistema de comunicação verbal e principalmente do não verbal. A expectativa que o professor possui influirá de forma muito forte na expectativa que o aluno formará com relação ao processo ensino-aprendizagem a que está submetido.

A influência das expectativas docentes é muito forte na expectativa dos alunos. Mas se as expectativas do professor estão baseadas na agressividade e no ataque pessoal, os processos de ensino-aprendizagem estão fadados ao fracasso, pois dificilmente se conseguirá obter um desempenho satisfatório em um ambiente hostil e violento.

Voltamos, então, aos questionamentos: os educadores de uma forma geral estão preparados para lidar com crianças que apresentem dificuldades de aprendizagem, ansiedade, repetência, notas baixas e necessidade de serviços de educação especial de forma não vexatória e humilhante?

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO PELOS AGENTES RECEPTORES

Mostraremos agora o inverso das práticas violentas, tratando da importância da afetividade no processo de aquisição da linguagem escrita.

Para fazermos tal explicação recorreremos à dissertação de mestrado: *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*, produzida por Tassoni (2000). A autora destaca alguns pontos importantes e mostra como os alunos se sentem perante certos atos praticados pelas professoras. No final mostramos como as professoras das séries iniciais entendem as questões da afetividade no processo escolar.

Abordaremos alguns itens como proximidade, receptividade, contato físico, expressão facial, incentivo, elogio, instrução, correção, interesse e cooperação.

- **Proximidade** – esse ato possibilita a correção e melhora o processo de aprendizagem ao transmitir ao aluno tranquilidade e segurança, reduzindo o nível de ansiedade.

Tabela 1- Lúcia (M11.01)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
P: __ Vou falar uma super, hiper difícil. MEL! A professora aproxima-se e diz: P: _ Cadê MEL?	Lúcia está olhando para trás e conversa com a outra aluna. Lúcia: (inaudível). (...)	Quando ela fica perto, ela olha pra vê se tá bom ou se tá ruim. Ela fala se tá certo ou não. Ela fala – <i>Lúcia, tá errado tem que troca as letras.</i> Assim a gente vai aprendendo mais. Ela vai ajudando e falando que letra é pra por.

Fonte: Tassoni (2000, p.68).

- **Receptividade** – ocorre como resultado da proximidade, agindo como facilitador do trabalho pedagógico. Os alunos relataram que com a presença das professoras eles “pensam

melhor”. A aproximação da professora, somada à atenção dispensada aos alunos, proporcionaram uma verdadeira parceria que acabou por incentivar e encorajá-los.

Tabela 2 – Adilson: (M 12.01 e 03)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>⁰¹</p> <p>A professora está andando próxima a Adilson. Ela pára, olha para ele e diz: _ Você pode começar com qual quiser!</p> <p>A professora anda pela classe. Pára perto de Adilson.</p>	<p>_ Por onde começa, pelo rosa ou pelo azul? (Adilson refere-se ao tipo de mensagem que deve copiar primeiro da lousa. A professora escreveu cada idéia dada pelos alunos para o cartão do dia das mães com uma cor diferente).</p> <p>Adilson começa a copiar da lousa. Escreve sem parar, por aproximadamente, 1 minuto.</p> <p>Ele lhe pergunta, mostrando o papel: _ Tia, eu escrevi assim, ó. Dai já pode voltar?</p>	<p>_ Gosto quando a (nome da professora) fica perto, porque ela me ajuda. Acho que eu penso muito mais. Porque ela perto me ajuda mais, do que quando eu penso sozinho</p>
<p>⁰³</p> <p>A professora curva-se lentamente para ver e diz: _ Pode!</p>	<p>Adilson continua escrevendo. (Está muito envolvido. Não se distrai com nada. Olha, atentamente, da lousa para o papel e vice-versa). (...)</p>	

Fonte: Tassoni (2000, p.76).

- **Contato Físico** (toque físico) – incluiu gestos de carinho ou qualquer outro tipo de contato ocorrido durante o processo de execução da atividade de escrita, excetuando os esbarrões. Nas seções de autoscopia os alunos relataram que o contato físico é uma demonstração de carinho e atenção. Esses depoimentos enfatizaram o caráter afetivo deste tipo de interação.

Tabela 3 – Lúcia: (M11.10)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>P: _ Isso! Lu!! A professora passa a mão na cabeça de Lúcia e vai ver outros alunos.</p>	<p>(...) Lúcia pega um I e coloca entre o E e o T e olha para a professora.</p> <p>Em seguida Lúcia olha para trás e ouve a conversa da dupla que se encontra ali (inaudível). Depois de alguns segundos Lúcia chama outros alunos para ver o que havia montado.</p> <p>Lúcia: _ Olha o nosso!! Os amigos olham. Em seguida, Lúcia levanta-se e vai em outra mesa ali perto conversar.</p>	<p>_ Ela faz carinho. Hoje eu tava lá na mesa e tava assim e ela foi ver se eu tava com febre. Ela também mexe no cabelo quando eu tô trabalhando. Eu gosto. Ela vai perto e quando tá certo ela passa a mão no cabelo. Quando não tá ela pede pra gente confirmá.</p>

Fonte: Tassoni (2000, p.92).

- **Expressão facial** – as mímicas faciais expressam alegria, entusiasmo e provocam nos alunos sentimentos de tranquilidade e segurança, que influem na atuação do aluno durante as atividades.

Tabela 4 – Renato: (M3. 05)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>(...) A professora pára ao seu lado, olha para ele, vê o seu texto, sorri e balança a cabeça afirmativamente.</p>	<p>Recomeça a escrever. Pára e conversa, rapidamente, com a aluna ao seu lado algo inaudível. Retoma o texto (...)</p>	<p>_ Eu gosto de escrevê na escola, porque aqui a tia ensina e em casa não tem ninguém pra ensiná a gente. Aqui a gente aprende mais coisa.</p>

Fonte: Tassoni (2000, p.96).

- **Incentivo** – a professora quer confirmar aquilo que o aluno dizia a respeito da atividade da escrita, tentando motivá-lo para que seguisse em frente.

Tabela 5 – Laura: (M1.03 e 06)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>03</p> <p>P: _ É! Assim mesmo! (Fala de maneira animada). A professora vai atender outro aluno.</p>	<p>(...) Laura segura no braço da professora e diz: _ Tia, tia, tia...(inaudível)</p> <p>Laura passa o lápis grafite perto do nariz, passa pela bochecha olha para a folha do aluno da direita, inclinndo-se para ver. Conversam algo (inaudível) e em seguida chama novamente a professora: (...).</p>	
<p>06</p> <p>P: _ Isso! (Tom de voz encorajador, vibrante e alegre).</p>	<p>(...) Ah ! A Renata bagunçando?</p> <p>Laura sorri e começa a escrever. Emite sons com a boca. Conta nos dedos e vai silabando as palavras. Cabeça baixa, olhos no papel, vai escrevendo. Levanta a cabeça e os seus olhos não se fixam em ponto algum. Continua silabando as palavras baixinho e olhos movimentam-se para todos os lados (...) (Durante toda a atividade Laura parece estar em intensa atividade mental. Parece silabar as palavras buscando identificar as letras. Pode estar tanto organizando as idéias como também buscando selecionar as letras que vai usar. Quando pára de escrever, sugere sempre estar pensando, reorganizando as idéias, lembrando os fatos numa sequencia temporal.)</p>	<p>_ Gosto mais de escrever na escola, porque na minha casa não tem lousa grande, só pequena. Também não é tão alta e aqui a (nome da professora) me ensina e na minha casa não. (Ao dizer isso sorri).</p> <p>_ Gostei de escrever porque eu gosto de fazer teatro. Eu tô gostando de escrever mais agora porque (nome da professora) tá ensinando. Antes eu gostava, mas ninguém me ensinava.</p>

Fonte: Tassoni (2000, p.98).

- **Elogio** – nesta subcategoria o tom de voz alegre e vibrante somado aos elogios emitidos marcou positivamente as crianças. Snyders, um dos autores citados nesta tese, pontua que de todos os conhecimentos, da geografia à matemática, esperam-se ressonâncias afetivas. Todos sabem que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo, tem necessidade de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para esta conciliação. (*apud* TASSONI, 2000, p. 92).

Tabela 6 – Daniel (M7.07)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
P: _ Hum! Tá muito bom!	(...) Daniel termina de ler o que havia escrito. Daniel pega o lápis e acrescenta mais letras. (...)	_ Eu tava lendo pra ela. Eu gostei porque eu fui fazendo assim e eu fiz a folha inteira escrita. E ela falou que tava bom. _ Fiquei contente com o meu trabalho. Escrevi sobre um cara que tava andando de avião. Ele tava voando. Ele caiu, quebrou a asa e a hélice (sorriu ao falar sobre o seu texto). _ Gostei desse trabalho porque é de escrever. Na outra escola a gente só escrevia e nesse trabalho era de escrever e de pintar.

Fonte: Tassoni (2000, p.112).

- **Apoio** – tem como função incentivar o aluno para que ele progrida.

Tabela 7 – Ícaro: (M2, 06,08,16,33 e 37)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>06 (...) P: _ É um monte de ponto final? Cada palavra é um ponto final?</p> <p>P: _ É? (O tom de voz da professora é paciente, carinhoso e encoraja Ícaro a pensar, buscar soluções).</p> <p>P: _ Como que faz para separar uma palavra da outra? O que a gente usa? Olha lá a data na lousa. Eu fiz tudo grudado? (O tom de voz da professora é muito tranquilo)(...)</p>	<p>Ícaro: _ É.</p> <p>_ Não, não. Ícaro conversa olhando para a professora. (...)</p>	
<p>08 (...) P: _ Olha lá na data. Que que tem entre uma palavra e outra? Como eu separei?</p> <p>P: _ Que que é isso? Levantase e mostra o espaço entre uma palavra e outra.</p>	<p>Ícaro direciona o olhar para a data. _ Tem ponto final.</p> <p>O aluno senta-se na 1. fileira e a lousa está perto. _ Nada. (Fala de um jeito muito calmo, tranquilo). (...)</p>	<p>_ Ela faz coisa na lousa, escreve, ela desenha... Eu olho tudo que ela escreve, desenha e tô ficando craque. Ela é muito craque! _ Olha eu copiando da lousa!</p>
<p>16 A professora sorri e diz: _ Olha o som. (...)</p>	<p>(...) (Ícaro após uma orientação da professora, responde): _ !</p>	
<p>33 P: _ SO...SO... P: _ Isso! (...)</p>	<p>Ah! Não sei! (Mostra-se desanimado). (...)</p> <p>(...)_ Como é SO?</p> <p>_ O!</p> <p>(...)_ Como é SU?</p>	<p>_ Trabalho de escrever eu gosto mais ou menos, cansa muito, mas a (nome da professora) ajuda. Ela vai falando e escrevendo e eu olho bem e vou fazendo. Ela me ajudou a ficar melhor.</p>
<p>37 P: _ Pensa no som. SU que som tem? P: _ A? é SU? P: _ Isso!</p>	<p>_ A? _ U! Ícaro vai para o seu lugar e escreve sem se sentar. (...)</p>	

Fonte: Tassoni (2000, p.114).

- **Instrução** – auxiliar o trabalho do aluno informando e auxiliando-o na compreensão da atividade referida.

Tabela 8 – Alba: (M10. 04)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>(...) P_ Então pega o seu vermelho.</p> <p>A professora vai para atender outro aluno.</p>	<p>Alba pega o lápis de cor vermelho.</p> <p>Alba olha para a colega do seu lado esquerdo. Esta aluna lhe diz algo inaudível. Alba balança a cabeça afirmativamente. Com o lápis de cor vermelho começa a pintar o nome que achou. A aluna do lado volta a dizer algo inaudível. Alba responde: _ Não é Ana Lúcia. É Ana Láis. Aluna responde (inaudível). Alba_ Já achei Bruna! Continua pintando e conversando sobre o trabalho. (...)</p>	<p>_ A tia ajuda. Pra gente aprender ela junta as letrinhas e aí a gente vai formando, vai formando o nome. Nesse trabalho a gente faz assim – tem uma fileira e a gente vai vendo assim, este daqui ... a gente vai procurando a primeira letra do amigo se num tiver na fileira a gente vê se tem a segunda também, aí a gente vai achando as letras.</p>

Fonte: Tassoni (2000, p.126).

- **Correção** – serve para reiterar ou para assimilação do conteúdo exposto

Tabela 9 – Ícaro: (M2. 18 e 32)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>18 (...) P:_ Não é NA? (A professora fala com carinho e encoraja Ícaro a pensar).</p> <p>P:_ Não é NA que você que é BAGUNÇA, É BA.</p> <p>P:_ Então como é?</p>	<p>Ícaro:_ A BAGUNÇA. Não, NA BAGUNÇA.</p> <p>Ícaro: (inaudível).</p> <p>_ É o B? (...)</p>	<p>_ A tia ajudou porque ela fica falando. Ela falou LARANJA que eu queria escrever e não sabia como era. Aí, eu descobri pensando e ela ajudou a pensar. Ela fala o que combina e eu vou escrevendo. Ela fala CASA, fala CA, aí eu faço o CA.</p>
<p>32 P:_ Então põe aqui, olha – A RENATA BAGUNÇOU- põe aqui – A SUA CASA. (A professora aponta no texto).</p>	<p>(...) _ Ai, não! Eu esqueci. Eu fiz: A RENATA BAGUNÇOU – falta escrever – A SUA CASA.</p> <p>Ícaro volta para o seu lugar, senta-se e começa a escrever. Fala enquanto escreve: _”A RENATA BAGUNÇOU...” .(...)</p>	

Fonte: Tassoni (2000, p.132).

- **Interesse** – mostra a atenção e preocupação do professor para com o aluno.

Figura 10 – Vinícius: (M6. 02 e 06)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>02</p> <p>(A professora está atenta á leitura).</p> <p>P: _ O que você quer escrever agora?</p> <p>P: _ Tá, então vamos ...(...)</p> <p>06</p> <p>P: _ Ele? O que você quer falar?</p> <p>P: _ Ah, tá! (...)</p>	<p>(...) Vinicius lê o que já escreveu – inaudível.</p> <p>_ Adulto.</p> <p>(...) Vinicius escreve e depois lê (inaudível).</p> <p>Vinicius recomeça a leitura: _ Era uma vez um menino. Ele era adulto. Ele dirigia...</p>	

Fonte: Tassoni (2000, p.141).

- **Cooperação** – possui o sentido de auxiliar o aluno.

Figura 11 – Vinícius (M6.20)

Comportamento da professora	Comportamento do aluno	Comentário do aluno
<p>P: _ Então vai!</p> <p>P: _ Ajudo! A professora vai até a mesa dele e começa a ajudá-lo. (...)</p>	<p>(...) _ Eu queria escrever mais.</p> <p>_ Você me ajuda?</p>	<p>Eu tô aprendendo sozinho, mas quando eu não sei a letra a (nome da professora) ajuda. Esse trabalho foi “facíssimo”.</p>

Fonte: Tassoni (2000, p.146).

Para concluir este trabalho, realizamos entrevistas com cinco professoras, a respeito da questão da afetividade e o ensino fundamental de nove anos. Como elas são as principais responsáveis pelo processo de aprendizagem, é interessante saber como pensam a este respeito.

O questionário baseou-se em sete questões:

SÉRIE EM QUE TRABALHA
REDE PRIVADA ou REDE PÚBLICA
DISCIPLINA QUE LECIONA

1. Como que você, professor, vê o ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS?
2. No seu ponto de vista essa mudança foi benéfica para os alunos? Por quê?
3. Você acha que entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental há uma lacuna? Por quê? Se há, qual seria uma solução para resolver este quadro?
4. Como que o professor vê a questão da afetividade na prática docente (na relação professor-aluno)? Há espaço para esta questão? É relevante para o professor?
5. Quais os aspectos relacionados à afetividade na sala de aula que o professor costuma utilizar?
6. A questão da afetividade (incentivar, elogiar, proximidade, receptividade, contato, apoio, instrução, correção, interesse) pode favorecer o processo de aquisição do conhecimento nas diversas séries do Ensino Fundamental? Por quê?
7. Como que o professor lida com a indisciplina na sala de aula? Quais as táticas utilizadas para conter os alunos? (Exemplo: quando os alunos conversam, andam pela sala, estão dispersos, ou quando não conseguem realizar as atividades pedidas pelo professor).

As professoras que responderam ministram aulas para os 1º, 2º e 3º anos, todas na rede privada.

Todas as professoras acharam positiva a mudança do Ensino Fundamental para nove anos, afirmando que não houve grandes mudanças, que as crianças eram alfabetizadas no pré e agora são no 1º ano.

Uma professora citou que é importante levar em consideração a idade e a maturidade da criança para que desta forma o processo de aquisição da linguagem ocorra sem traumas e com sucesso; outra professora disse que a responsabilidade agora é maior, pois estar no pré é diferente de estar no 1º ano, embora não explicita essas diferenças. Para todas as professoras não há lacuna entre a educação infantil e o ensino fundamental. Essa lacuna pode ocorrer somente para alunos que mudam de escola, pois os que pertencem a mesma não passam por este problema.

Todas as professoras concordam que a afetividade é importante quando praticada pelo professor, usando termos como: “fundamental” e “muito importante”.

Para comentar sobre os aspectos afetivos utilizados em sala de aula, os professores citaram “tudo que motive o aluno”, “incentivo e auxílio da auto-estima”, “demonstração de afeto, estímulos e elogios”, “apoio e carinho”, “contato”, “proximidade”, “receptividade”, “interesse pelo histórico de vida do aluno e conhecimento das suas dificuldades e necessidades”. Para todas as professoras a afetividade favorece o processo de aquisição do conhecimento, pois transmite mais segurança aos alunos, possibilitando a eles atingir as metas estabelecidas.

Em relação à questão da indisciplina, nenhuma das professoras disse que recorre aos gritos ou formas punitivas para conter a sala; disseram que é necessário trocar a atividade, apostando em práticas mais lúdicas, ou proporcionar atividades que despertem maior interesse dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que é essencial tratarmos com respeito e dignidade as crianças que estamos alfabetizando. O professor é tido como modelo para estes seres em formação. E como o modelo existe para ser seguido, qual será então o modelo que estas crianças perpetuarão? Do professor que grita “você é um burro que não

consegue aprender nada”, ou então os “beliscões”, puxões de cabelo e repreensões desnecessárias?

Ou será que estas crianças quando estiverem praticando as “trocas ou inversões de papéis sociais” mostrarão a cena em que o professor explica ou ensina incansavelmente a sala que não consegue assimilar os conteúdos?

Como educadores, precisamos preparar as crianças para todos os setores da vida. Se os profissionais estiverem baseados na humilhação e desmotivação dos alunos, aumentando a evasão escolar, o fracasso escolar, uma sociedade violenta e desacreditada com a educação. Se os agentes responsáveis por proporcionar o conhecimento acabam por expulsar os alunos das escolas qual seria, portanto, seu papel? Transmitir o conhecimento para quem? A escola não está longe dos quadros da violência, mas não é sua função permitir e executar casos de violências dentro de suas instalações, tampouco permitir que seus professores contribuam para estigmatização de seus alunos.

O professor deve tratar os alunos (independente de sua condição, esfera social, cor ou religião) como indivíduos portadores de direitos que devem ser respeitados, respeitando também suas particularidades.

Se sabemos como devemos agir em sala de aula, por que então nos deixar levar pelos itens acima citados que produzirão fracasso, insucesso em várias áreas da vida afetiva dos alunos? Não devemos formar cidadãos? Que formemos então cidadãos dignos, que saibam e possam combater injustiças e que saibam se posicionar diante das condições diversas da vida. É este o papel do professor.

VIOLENCE AND EDUCATION

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the issue of violence in its many forms and consequences for children in the learning process. The study will present how students see the teachers who use violence as a teaching tool and also the question of affectivity and its implications for processes of knowledge acquisition.*

KEYWORDS: *Symbolic violence. Affectivity. Symptoms of victimized students. Learning.*

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Confrontos na sala de aula:** uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas:** A síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

FOUCAULT, F. **Vigiar e Punir.** 16.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita:** a mediação do professor em sala de aula. 2000. 246f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

